

## Sociedade Covid-19

# Para os jovens a espera terminou, mas nem todos anseiam pela vacina

Arranca hoje a vacinação para os jovens entre os 18 e os 29 anos. Com mais ou menos receios, a maioria diz querer tomar a vacina, e acredita cumprir um “dever cívico”. Mas, para alguns, os riscos parecem pesar mais do que os benefícios

**Carolina Amado**

“**S**e temos oportunidade, devemos, obviamente, levar a vacina.” Carolina Santos, estudante de 18 anos, já consegue ver, após meses de espera, o final da fila para receber a vacina contra a covid-19. A partir de hoje, 4 de Julho, abre a vacinação para os jovens entre os 18 e os 29 anos, que fica, assim, disponível a todos os adultos.

Por alguns minutos, Carolina fecha os livros e deixa de lado os apontamentos para os exames finais do ensino secundário para conversar com o P3. Em Setembro, assim o espera, chegará a Lisboa para estudar Direito, mas ainda não é capaz de imaginar uma vida universitária como a que mostram os filmes onde, às aulas e provas, se somam os jantares, festas e convívios.

“Adoro festas e festivais, mas, por enquanto, não sou capaz de ir. Por um lado, estou ansiosa; por outro,

tenho receio”, confessa. “Eu comento com os meus pais que estou a perder a minha adolescência. Passei metade do secundário em casa, e isso também nos afectou em termos de aproveitamento escolar, claro.”

Carolina reconhece ter sido, no último ano, a amiga responsável entre os seus grupos, sempre cuidada com as medidas de higiene e segurança, com medo de contagiar alguém mais vulnerável à doença. “Mesmo depois de tomar a vacina, vou continuar a ser assim. Dizem que a vacina não nos impede de ficar mal, apenas reduz as probabilidades. Mais vale prevenir.”

Mesmo após a vacinação, faz sentido manter um comportamento de prevenção, cumprir o uso de máscara e o distanciamento físico, lembra Ana Rita Goes, professora na Escola Nacional de Saúde Pública da Universidade Nova de Lisboa. “Considerando que uma percentagem elevada da população ainda não está vacinada, é importante considerarmos os efeitos de grupo, em que o comportamento de cada um de nós é influenciado por aquilo que vemos

os outros à nossa volta fazer”, afirma, em comunicado.

Ainda que, hoje, confie totalmente nas vacinas, Carolina Santos admite ter tido, no início do processo de vacinação, algum receio. “Quando começaram as fases de testes, eu e os meus amigos ficámos muito contentes, por ser algo que tanto esperávamos. Depois chegaram notícias de efeitos secundários graves e perdemos um pouco a motivação”, recorda a portimonense. “Agora, ao ver a vacinação em massa, ficámos mais tranquilos. Hoje estamos todos dispostos a tomar a vacina.”

Em Barcelos, a mais de 600 quilómetros de Portimão, Daniel Costa sentiu as mesmas inseguranças, por temer que a vacinação tivesse, a longo prazo, consequências ainda desconhecidas. Ainda assim, acredita em quem “sabe sobre o assunto”, e considera ter quase máxima confiança nas vacinas. “Neste ponto, acho que temos confirmação de que as vacinas estão a funcionar bem”, diz o engenheiro físico de 24 anos.

Em Março de 2020, Daniel foi um dos primeiros portugueses infecta-

dos com covid-19. Cerca de um mês após a infecção, o olfacto alterou-se. Mais de ano depois, não sabe se alguma vez voltará ao que era antes. “Tendo a oportunidade de tomar a vacina, garanto que isto não volta a acontecer, ou que não acontecem reacções piores. Para mim, faz todo o sentido tomar a vacina logo que puder.”

Segundo os dados mais recentes, divulgados a 1 de Julho, do Barómetro Covid-19: Opinião Social, da Escola Nacional de Saúde Pública, 86,7% das pessoas ainda não vacinadas dizem querer tomar a vacina. Apenas 6,5% dizem não ter intenção de a tomar, valor semelhante aos que ainda hesitam na decisão.

Para os especialistas, estes valores são “confortáveis”, sobretudo em comparação com a opinião dos portugueses em 2020. No período em que as vacinas estavam ainda em desenvolvimento, a maioria, 56%, sentia-se hesitante, e preferia esperar mais algum tempo até tomar a vacina. Quase um em cada dez portugueses, 9%, afirmava que não a iria tomar. Desde então, a confiança na

vacina contra a covid-19 tem sido constante e crescente.

“Com a vacina sentir-me-ei mais aliviado, mas acho que ficará sempre o medo de novas variantes do vírus e novas vagas, até porque nem todos no mundo estão a ser vacinados ao mesmo tempo”, lembra o jovem de Barcelos, em entrevista ao P3. Enquanto as medidas de higiene e segurança fizerem sentido, Daniel está disposto a esperar e sacrificar mais algum tempo que, de outro modo, aproveitaria com amigos.

### “Não quero correr riscos”

Como Daniel, André já esteve infectado com covid-19, em Outubro de 2020. Essa é uma das razões que o levaram a decidir não tomar a vacina de combate à doença, pois espera ter ficado com alguma imunidade a uma nova infecção. “Não sou anti-vacina e aconselho estas vacinas às pessoas mais velhas e população de risco. Mas para mim não compensa, não quero correr riscos sem benefícios.”

André e Filipa, que preferem não dar os apelidos, já perderam a conta





às vezes em que a pandemia lhes estragou os planos. Planearam não uma, nem duas, mas três vezes a cerimónia de casamento e esperam que, à terceira, seja de vez. Também os voos e férias que tinham marcado nunca aconteceram.

“Estamos a perder tempo. Na minha opinião, a doença vai tornar-se endémica. Acho que devíamos educar as pessoas para conviver com o vírus. Não restringir os movimentos de todos, mas educar sobre os riscos”, diz André, de 28 anos. “Não podemos viver com medo.”

Filipa não tem uma posição tão vincada, mas sim a certeza de não querer, por enquanto, ser vacinada. “Por um lado, acho que a vacinação é muito importante para atingirmos a imunidade de grupo. Contudo, acho sobretudo importante para os grupos em que o risco de adoecer é maior. Nesse caso, o benefício de tomar a vacina sobrepõe-se aos riscos.” Preocupa-a, em particular, a falta de informação acerca de possíveis consequências da vacinação para mulheres grávidas ou em idade fértil que queiram engravidar.

**Daniel Costa (em cima) e Mariana Riquito (em baixo) vão tomar a vacina contra a covid-19**

Já se sentiu, em várias ocasiões, pressionada a optar pela vacinação, e teme que seja criada uma onda de discriminação contra as pessoas não vacinadas. “Se queres ter a tua vida normal, tens de ser vacinado como os outros.’ Mas vou ser vacinada para evitar uma forma grave da doença ou para ter uma vida normal?”, questiona.



O casal reconhece ser uma excepção à regra quanto à opinião sobre a vacinação. Sentem-se elementos “desviantes” nos seus grupos de amigos, de colegas de trabalho ou na família. Na perspectiva de André, a terminar um doutoramento na área de engenharia, a maioria das pessoas prefere “não arranjar problemas” e “fazer o que lhes é pedido”. “Acho que muitos dos meus amigos vão tomar a vacina não pela sua saúde ou por uma questão de saúde pública, mas porque acham que lhes devolverá liberdades. O problema está na obstrução de liberdades que nunca deveriam ter sido perdidas.”

De acordo com a Escola Nacional de Saúde Pública, é na população em idade activa (entre os 26 e os 65 anos), nos homens e nas pessoas com mais escolaridade, que existe maior resistência à toma da vacina. Na quinzena analisada, entre 11 e 25 de Junho, os mais jovens, entre os 16 e os 25 anos, não mostraram qualquer resistência.

“Como os grupos etários mais velhos estão quase totalmente ou parcialmente vacinados, as incidências mais elevadas da resistência à vacinação evidenciam-se agora nas faixas dos jovens adultos”, explica, em comunicado, Ana Rita Goes, coordenadora científica do Barómetro Covid-19: Opinião Social. “Como é a idade que maioritariamente orienta o actual plano de vacinação, à medida que o plano vai avançando torna-se cada vez mais importante analisar a adesão à vacinação por faixas etárias”, acrescenta.

### “Um dever cívico”

Cansada da pandemia e do regime de teletrabalho, Margarida Runa diz sentir-se quase em desespero por um regresso à normalidade. “O trabalho aumentou imenso, era excessivo, não existia distinção entre o espaço de trabalho e de casa, não existiam actividades de lazer... Desgastou-me”, conta, ao telefone com o P3, a partir das Caldas da Rainha. “Só queria parar de ouvir os mesmos assuntos todos os dias, poder ir trabalhar normalmente, sem máscara... Sinto falta de coisas básicas.”

“Decido tomar a vacina por já estar saturada desta situação. Vou motivada por um bem comum, para que as coisas regressem ao que eram”, diz a *designer* de 23 anos, a cumprir o período de isolamento em casa por ter tido resultado positivo no teste à covid-19. Assim, não acompanha os jovens da sua faixa etária na vacinação. Só em Dezembro, após seis meses a contar de Junho, chegará a sua vez.

O avanço do processo de vacinação, contudo, devolve-lhe algum ânimo e confiança de que 2022 será um ano com maior liberdade. “Tomar a vacina parece-me um dever cívico. Podemos estar a salvar ou ajudar outras pessoas. Em vez de olharmos para nós, caso achemos

que a vacina não é eficaz ou não a queiramos tomar, é preciso olhar para os efeitos maiores que poderá ter.”

### Proteger os outros

Mariana Riquito sente, acima de tudo, falta das discotecas onde não cabia nem mais uma pessoa, da música alta, dos concertos. Em Julho de 2021, são cenários que ainda lhe parecem uma miragem.

Tomará a vacina assim que chegar a sua vez, porque lhe parece o meio mais eficaz, seguro e rápido de combate à pandemia. “Não diria que tenho a máxima confiança na vacina, foi um processo bastante rápido, mas a evolução do conhecimento científico também o permitiu. Tenho confiança na ciência e na tecnologia”, assegura Mariana, de 23 anos.

Satisfeita com o progresso científico e tecnológico, Mariana Riquito, formada em Relações Internacionais e investigadora júnior no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, guarda as críticas para a forma como as vacinas estão a ser distribuídas pelo globo. “Acho que há dinheiro para que a vacina seja distribuída a nível mundial mais rapidamente, não está a ser canalizada por falta de vontade política. Caso existisse essa vontade, acho que conseguiríamos compreender que os jovens da Europa fossem vacinados mais tarde, para que todas as populações acima dos 55 anos no Sul global pudessem ser também vacinadas”, defende. “É uma questão de controlo, de dinheiro, de capital e de poder. A pandemia não vai ser ultrapassada só dentro da Europa, não é só o nosso umbigo que conta. Porque é que há pessoas que são menos dignas do que outras?”

Mariana Riquito sente-se sortuda, e privilegiada, por não ter sido particularmente atingida pela pandemia. Na sua família ninguém adoeceu, concluiu os estudos, começou a trabalhar a partir de casa. “Apesar de tudo, consegui continuar a estar com a minha família, com os meus amigos... A resistir.” Espera, agora, receber a vacina para ter uma sensação de maior segurança em encontros familiares e de amigos.

Para a jovem de Coimbra, é importante não culpar os mais novos pela propagação do vírus, em “manobras” que dividem a população, “alimentam ódios, ansiedades, receios” e “desviam a atenção do que deveria ser importante: a responsabilidade dos poderes políticos e económicos na gestão de uma crise pandémica”, diz. “Não quer dizer que não tenhamos responsabilidades individuais. Vivemos em comunidade. Em situação de emergência, temos de estar aqui umas para as outras.”